

RAÍZ RELIGIOSO-CULTURAL BRASILEIRA

Leandro Laube

Muito se fala que o Brasil é o maior país católico do mundo ou que é uma nação culturalmente rica e diversificada. Este ensaio pretende justamente expor, ao menos parcialmente, como foi formada essa variedade cultural e qual o papel da religiosidade popular em tal formação.

Por certo que os portugueses não ignoravam a existência de mais terras a serem exploradas e dominadas aqui por estes lados, antes mesmo de abril de 1500. Contudo, mesmo oficializado o "descobrimento" do Brasil, o comércio com o oriente ainda oferecia grandes lucros e o mais que se podia querer das *novas terras*, nesse momento, era que servissem como entreposto para reabastecimento e reparos em meio à grande jornada até às Índias. As primeiras sesmarias do litoral brasileiro foram instaladas ainda em 1502, mas o início da ocupação do território ainda esperaria até 1530.

Devido ao posterior declínio comercial com o oriente, às constantes notícias de grandes jazidas de minerais preciosos no lado espanhol e às freqüentes incursões estrangeiras no litoral da colônia, a Coroa portuguesa não teve outra alternativa a não ser dar início à colonização de seus domínios na América. Deste modo, em 1530, Martim Afonso de Sousa chegou ao Brasil com tal missão. Em 1532 fundou a vila de São Vicente e trouxe as primeiras cabeças de gado dois anos após.

Não obstante os interesses econômicos e políticos da época¹, não se pode deixar de considerar que para o europeu a política de descobrimentos e colonização de novos mundos tinha um forte apelo e motivação religiosos. Não por acaso os navegadores portugueses marcavam seus avanços ultramarinos e descobertas com cruces ou marcos contendo tal emblema junto às armas nacionais e ao sinete real. Cabia ao cristão fiel a tarefa sagrada de levar a palavra de Deus e a salvação aos pagãos e infiéis, seja onde fossem encontrados e o explorador português sentia-se

¹ Não discutiremos aqui esses interesses envolvidos no processo, por estarem fora do âmbito do presente ensaio

assim predestinado. Cria promover um grande bem com a implementação de sua política civilizatória e evangelizadora (estes dois aspectos sempre vistos conjuntamente). Portanto, em última instância, a fé cristã legitimava a colonização, a exploração e o aportuguesamento das nações.

Mesmo que repudiado por bula papal ou proibido pela lei portuguesa (não aplicável aos índios aimorés), o cativo dos nativos foi contínuo, de modo que mesmo no século XIX havia o escambo de escravos indígenas por mercadorias (ainda em 1866, na Amazônia, era possível trocar-se um índio por um machado)². Como os primeiros negros cativos chegaram ao Brasil, documentalmente, em 1538, ocorreu de haver a utilização paralela de mão-de-obra negra e indígena, sendo que aqueles foram empregados nas áreas mais abastadas, enquanto estes ficaram restritos às regiões cujos colonizadores não dispunham de recursos suficientes, já que a captura oferecia custos bem mais baixos.

Em 1549 desembarcam no Brasil, juntamente com Tomé de Sousa, que funda a cidade de Salvador para servir de sede do governo, os primeiros cinco jesuítas, com o padre Manoel da Nóbrega à frente. Este chegou a escrever em uma de suas cartas que os índios seriam como papel em branco, prontos para receberem todo o conhecimento (entenda-se “catequese”) que lhes fosse ofertado. Contudo, logo os inácianos deram-se conta de que a tarefa não seria tão simples e segura, principalmente quando começaram a ser devorados pelos Tupinambás. A antropofagia, esse ato diabólico, do ponto de vista europeu, certamente aumentou a crença na necessidade da catequização desses seres tão distantes das virtudes divinas.

Para vencer a resistência cultural, os padres empregaram ferramentas muito eficientes, como promover o desmerecimento das qualidades dos pajés, dizendo-se eles próprios os verdadeiros, e criar a chamada *Língua Geral*, que se tornou o meio de comunicação entre os jesuítas e os indígenas, principalmente na reinterpretação da mitologia nativa, de modo a incorporar os heróis destes ao cristianismo.

O próprio fato de se reinterpretar uma língua já é marca patente da dominação cultural e imposição de idéias que nem sempre se adaptam facilmente, mas que cabe ao dominado assimilá-las da forma como for possível. Como exemplo, há a figura cristã do anjo, elemento inexistente na cultura tupi, que mereceu a criação, por Nóbrega, do vocábulo *karaibebê*. Ora, tal verbete vem da fusão de *karaí*, que pode

² ATLAS, p. 16

significar tanto *homem branco* (nesse caso o português) como o xamã guarani (chamado por Manoel da Nóbrega de *santidade*) que percorre as tribos cantando o tempo vindouro em que as moças tornar-se-ão mulheres, os meninos guerreiros e a terra será um grande paraíso, o que foi interpretado como a *Terra sem Mal*. Junte-se aí as asas e tem-se, então, no imaginário nativo, um português voador ou uma *santidade* alada. Como os tupis entenderam seus conhecidos xamãs agora com asas? E o que se dizer da alucinação de Nóbrega ao criar para os índios um reino repleto dessas aberrações (*karaibebê rupape*)?

Mas há ainda outros indicadores da violência perpetrada contra a cultura local, como a imposição do dualismo religioso (o conflito entre o bem e o mal) desconhecido pelos índios. De um lado tomou-se *Tupã*, força ligada ao raio, fundindo-o com o Deus cristão. De outro, transformou-se *Anhanga* (uma espécie de espírito maligno) no Demônio medieval. Nota-se aí, uma forte contradição ao fundir-se a benevolência salvacionista cristã aos poderes aniquiladores do raio. Pior: como explicar a lógica cristã de um Deus que é pai e filho dele mesmo e pai da própria mãe?³

As primeiras mulheres vieram somente em 1550, após a solicitação de Nóbrega ao Rei: Apenas três, órfãs, enviadas pela Coroa no ano seguinte. Assim, em 1583 havia no Brasil vinte e cinco mil brancos e mestiços, dezoito mil índios "mansos" e catorze mil negros. Mulheres brancas ainda eram raras.⁴

Os negros eram trazidos ao Brasil em médias anuais cada vez maiores. Vejamos⁵:

Período	Média anual
Até 1600	700
De 1601 a 1650	4000
De 1651 a 1700	7200
De 1701 a 1740	15100
De 1741 a 1780	17000

Também no caso dos escravos negros, a cultura foi, a exemplo dos nativos, aviltada de diversas maneiras. Foram transplantados de sua terra, retirados de seu

³ BOSI, p. 67

⁴ ATLAS, p. 14

⁵ *Ib.*, p. 16

ambiente, suas famílias separadas (para evitarem-se as rebeliões) e uma nova língua foi-lhes imposta em uma nova realidade.

Para manter ao menos uma parte de sua cultura, o africano foi forçado a aproximar suas figuras heróicas e sagradas das dos brancos, pois os cultos afros foram proibidos até o início do século XX. Assim, ocorreu a fusão de elementos não necessariamente equivalentes, como *Exu* (aquele que leva mensagens do terreiro aos demais *orixás*) e o Diabo, *Oxalá* (deus da criação) e Jesus, *Ogum* (deus da guerra, da metalurgia, da tecnologia e dos caminhos) e São Jorge ou Santo Antônio, Nanã (deusa da lama, do fundo dos rios e do país da morte) e Nossa Senhora de Santana.

Em 1825, a população da colônia era composta de, aproximadamente, dois milhões de negros, um milhão de brancos, pouco mais de quinhentos mil mestiços e menos de quinhentos mil índios.⁶ A população negra aumentando vertiginosamente, enquanto a indígena era exterminada. No contato, marcado pela força, entre três civilizações com tradições, culturas e religiosidades muito diversas, duas delas deveriam forçosamente submeterem-se à terceira, para que esta pudesse, mesmo que em menor número, manter-se dominadora. Africanos e nativos perderam suas terras, sua história, a dignidade e a liberdade.

A cultura e a religião dos índios e dos negros foi considerada "atrasada", e assim sofreram um processo de dominação em que tiveram que aceitar as verdades católicas. Os índios encontraram refúgio à escravidão nas missões jesuíticas, onde eram defendidos com a possibilidade de chegarem ao reino dos céus mediante a conversão ao cristianismo; mas, acabaram entrando em um processo de perda gradual de suas origens culturais. Aos negros, a única alternativa foi submeter-se à religiosidade imposta por seus senhores, mesmo que falsamente. Ao contrário do índio, aceito como portador de alma e ainda profundo conhecedor da região (o que lhe favorecia as fugas), o negro teve negado tais benefícios.

Tanto negros quanto índios, viram os ícones de suas crenças fundindo-se ou sendo substituídos pelos cristãos. No caso dos primeiros, o processo parte da intenção de continuar o culto, lançando-se mão do maquiamento de seus rituais e símbolos, vertendo-os aos católicos. No caso dos índios, foram os inicianos que promoveram essa tradução, deixando muito pouco espaço para a tradição original.

⁶ ATLAS, p. 33 (infográfico)

Mas não foram apenas as culturas negra e indígena as massacradas pelo cristianismo português na colônia. Também os judeus, que aqui aportaram em busca de uma vida distante das ameaças inquisitoriais, tiveram que se adaptar. Tendo esconjurado a própria fé e se convertido ao catolicismo, esses *Novos-Cristãos*, em verdade, na maioria das vezes continuaram praticando sua crença de forma velada, a exemplo dos africanos.

Da fusão heterogênea de pensamentos, tradições, concepções de realidade e mesmo personalidades tão diversos, seria de se esperar a impossibilidade da manutenção dos princípios originais de cada uma das culturas envolvidas. Tome-se novamente como referencial o cristianismo: Será que o catolicismo português do século XVI manteve-se fiel ao catolicismo difundido pelos romanos séculos antes? Mais: Até que ponto o cristianismo manteve-se isento das influências e desvios provocados pelas reinterpretações durante o processo de propagação entre os romanos? É muito pouco provável que o cristianismo disseminado pelas colônias portuguesas seja mais fiel ao romano do que o catolicismo brasileiro de hoje em relação ao luso de antanho.

No Brasil colonial, as dificuldades inerentes ao momento histórico, a penúria do aparelho eclesiástico e a miscigenação cultural, proporcionaram o crescimento da importância devotada ao rosário e às festas religiosas. Os religiosos que trabalhavam por esse cantão do mundo logo perceberam o potencial desses instrumentos e neles investiram massivamente. As festas já eram consideradas arcaicas, essencialmente medievais; mas, no Brasil teve papel fundamental devido à exposição intensiva a que os fiéis eram expostos: Imagens, rezas, ritos e espetáculos, numa imersão que incitava a sensibilidade religiosa.

Por outro lado, a profusão de capelas e festas religiosas trouxe um caráter teatral à fé cristã no Brasil, concedendo-lhe uma superficialidade e uma exterioridade que marcariam gravemente o catolicismo brasileiro, na medida em que o enfraquecimento da espiritualidade deu margem a que a fé pudesse ser dispersada entre outras vertentes. Admite-se, por exemplo, a idéia de um católico “não praticante” ou de um católico que, mesmo contingentemente, lance seus pedidos e oferendas aos orixás (talvez as comemorações de ano-novo nas areias da praia sejam o melhor exemplo disto).

A igreja católica desempenhou papel de grande importância na formação não só religiosa, mas também cultural brasileira. A influência é por demais significativa para ser ignorada e as dezenas de festas populares, em todos os cantos do país, estão aí para prová-lo. Pode-se até arriscar o palpite de que a cultura brasileira seja essencialmente religiosa. Com efeito, a presença religiosa constante, até nossos dias, traz a marca da síntese dialética entre elementos oficiais e práticas populares. Notabiliza-se o fato de certos rituais e práticas católicas estarem de tal forma amalgamados (e já com uma tradição própria) ao rito popular, que muitas vezes só os percebemos através de uma observação mais atenta.

No período colonial difundiu-se a idéia de superioridade racial baseada na religiosidade. Assim, os não-cristãos seriam todos não-civilizados, portanto inferiores, e os mestiços impuros frutos do pecado. O Iluminismo deu sua parcela de contribuição ao colocar a superioridade da razão. A razão europeia, a única verdadeira (e capaz de explicar uma única realidade possível), assim como o Deus europeu, o único verdadeiro. Evidentemente, o caso do intelecto não seria diverso do religioso e, portanto, toda nação não formada nos preceitos aceitos pelos interesses burgueses seria forçosamente bárbara, atrasada e, portanto, inferior.

Mais adiante, já durante o segundo império, as elites brasileiras buscaram uma aproximação com os conceitos culturais e políticos europeus, como forma de encontrar uma pretensa vocação europeia original. Com efeito, a literatura trouxe um grande número de heróis e personagens que, quando não estavam nitidamente ligados aos padrões europeus, tratavam-se de indivíduos assim idealizados.

O dominador, entre tantas armas empregadas, lança mão cerradamente do discurso de que o dominado é inferior, atacando-o diretamente na auto-estima. Trazemos conosco essa marca, esse estigma; quanto mais que em nossa história, em momento algum, estivemos livres das amarras da dominação estrangeira, seja por Portugal, Espanha, Inglaterra ou Estados Unidos da América. O discurso do poder não permitiria diferente.

Seja como for, tal pensamento é justificado, também, pelo fato de não haver uma identidade cultural claramente definida, face à extraordinária diversidade encontrada. A falta de homogeneidade na identidade brasileira contribui para o pensamento preconceituoso. Contudo, em um país com as dimensões geográficas brasileiras e com momentos imigratórios tão heterogêneos, tanto no que se refere à

origem quanto ao ponto de chegada, há que se perguntar como poderia haver uma homogeneidade. Talvez seja o caso de, em sentido contrário, considerar-se a possibilidade de precisamente essa falta de uniformidade ser a maior marca de nossa identidade, já que mesmo as unidades européias são fruto de séculos de contatos (muitas vezes sangrentos) entre outros povos anteriores a eles. Ou seja, voltando-se na História, provavelmente não haja nação verdadeiramente original e “pura”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMEAL, João. História de Portugal - das origens até 1940. 6ª edição, Porto: Livraria Tavares Martins, 1968.
- ATLAS da História do Mundo Folha de São Paulo. São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 1995.
- BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- CISALPINO, Murilo. Religiões. São Paulo: Scipione, 1994.
- LEMOS, Maria Alzira Brum. O Conceito de Raça no Brasil. Disponível em: <http://www.triplov.com/racism/racism4.html> (consultado em 27/07/03).
- MACEDO, Carmen Cinira. Imagem do Eterno - Religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989.
- VAINFAS & SOUZA, Ronaldo & Juliana Beatriz de. Brasil de Todos os Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.